

PRODUÇÕES MIDIÁTICAS CONTEMPORÂNEAS DIGITAIS EM MÍDIAS SOCIAIS ESTADUNIDENSES

OBSERVAÇÃO, COMPREENSÃO E IDENTIDADES



CARLOS BATISTA


EDITORA
SCHREIBEN

CARLOS BATISTA

**PRODUÇÕES MUDIÁTICAS
CONTEMPORÂNEAS DIGITAIS
EM MÍDIAS SOCIAIS
ESTADUNIDENSES:
OBSERVAÇÃO, COMPREENSÃO E
IDENTIDADES**



EDITORA
SCHREIBEN

2024

© Do Autor - 2024

Editoração e capa: Carlos Batista

Imagem da capa: Freepik, 2024, colagem-de-pessoas-usando-bobinas. jpg. Disponível em: https://br.freepik.com/fotos-gratis/colagem-de-pessoas-usando-bobinas_26538257.htm#page=2&query=CONTEUDOS%20MIDIATICOS&position=1&from_view=search&track=ais&uid=7afd7ccb-2991-4836-a093-f6813ed4a0b9.

Revisão: o autor

Conselho Editorial (Editora Schreiben):

Dr. Adelar Heinsfeld (UPF)
Dr. Airton Spies (EPAGRI)
Dra. Ana Carolina Martins da Silva (UERGS)
Dr. Deivid Alex dos Santos (UEL)
Dr. Douglas Orestes Franzen (UCEFF)
Dr. Eduardo Ramón Palermo López (MPR - Uruguai)
Dra. Geuciane Felipe Guerim Fernandes (UENP)
Dra. Ivânia Campigotto Aquino (UPF)
Dr. João Carlos Tedesco (UPF)
Dr. Joel Cardoso da Silva (UFPA)
Dr. José Antonio Ribeiro de Moura (FEEVALE)
Dr. José Raimundo Rodrigues (UFES)
Dr. Klebson Souza Santos (UEFS)
Dr. Leandro Hahn (UNIARP)
Dr. Leandro Mayer (SED-SC)
Dra. Marcela Mary José da Silva (UFRB)
Dra. Marciane Kessler (UFPeI)
Dr. Marcos Pereira dos Santos (FAQ)
Dra. Natércia de Andrade Lopes Neta (UNEAL)
Dr. Odair Neitzel (UFFS)
Dr. Wanilton Dudek (UNESPAR)

**Esta obra é uma produção independente. A exatidão das informações, opiniões e conceitos emitidos, bem como da procedência das tabelas, quadros, mapas e fotografias é de exclusiva responsabilidade do autor.
É PROIBIDA a reprodução parcial e/ou total dos conteúdos desse estudo sem os devidos créditos ao autor.**

Editora Schreiben
Linha Cordilheira - SC-163
89896-000 Itapiranga/SC
Tel: (49) 3678 7254
editoraschreiben@gmail.com
www.editoraschreiben.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

B333p Batista, Carlos
Produções midiáticas contemporâneas digitais em mídias sociais estadunidenses: observação, compreensão e identidades / Carlos Batista. – Itapiranga : Schreiben, 2024.
57 p. ; e-book

E-book no formato PDF.
EISBN: 978-65-5440-207-1
DOI: 10.29327/5344720

1. Linguística. 2. Análise do discurso. 3. Mídias sociais.
I. Título.

CDU 81'4

Bibliotecária responsável Kátia Rosi Possobon CRB10/1782

SOBRE O AUTOR



Carlos Batista é paulistano da “gema”, tanto que nasceu no outono de 1978 a menos de 4 km do marco zero da cidade de São Paulo, atualmente é Orientador Pedagógico e Tutor EaD, atuando em polos de ensino a distância na capital e na grande São Paulo desde 2017.

É graduado em Desenho Industrial (1999) onde obteve o seu primeiro projeto, de Iniciação Científica, financiado pela FAPESP. Também possui graduações em Letras-Inglês (2020), Pedagogia (2022) e diversas especializações destacando-se: Redação e Oratória, Literatura Brasileira, Docência do Ensino Superior, Formação em Educação a Distância e MBA em Marketing e Vendas.

Mestre em Educação e Doutorando em Comunicação Carlos é membro do CPA (Comunidade de Professores Autores) e produtor de conteúdos pedagógicos

Atualmente se dedica a duas paixões; à primeira é a conclusão dos seus novos projetos acadêmicos nos próximos anos e à segunda é escrever contos e poesias para lhe acalmar à alma e o físico.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8130346912500730>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5190-6721>

e-mail: contactcarlos40@gmail.com

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao meu falecido pai, Edson Batista, do qual me orgulho ter tido o privilégio de conviver ao longo dos meus 37 anos de idade, a minha mãe, Vania Regina Batista, a qual permanece ao meu lado durante esta jornada, sempre me apoiando, dando forças e acreditando no meu potencial e a Deus pelo amparo nos momentos mais difíceis de minha jornada acadêmica, permitindo, graças à sua vontade a conclusão deste sonho.

PREFÁCIO

Desenvolver um livro a partir de um trabalho de conclusão de curso se mostrou desafiador, o que antes se pressumia simplesmente “transpor” parágrafos os moldando em uma nova formatação ou utilizando de uma expressão mais simples apenas: “copiando e colando textos” de fato não se mostrou, na prática, nada equivalente.

A adaptação não se deu somente no tipo, mas principalmente no linguajar, ou seja, no entendimento que essa nova literatura que comporta a pesquisa deve propiciar uma expressividade simplista, objetiva e não menos lógica em suas disposições.

Sempre parti do pressuposto que todo desafio estipulado deve ser um desafio cumprido, mas deixo ao leitor interessado a possibilidade de responder sobre a eficácia dessas modificações presentes em três capítulos ressaltando os meus anseios que as interpretações textuais sejam não só proveitosas, mas principalmente reflexivas.

Ressalto que o subtítulo alocado na obra visou justamente compreender o sequencial dessas ações em conjunto com a teoria exposta e investigada, onde em um primeiro momento o que é observado precisa ser compreendido para posteriormente possibilitar o retrato de sua identidade.

Desejo aos colegas momentos de leituras surpreendentes tendo como plano de fundo os meus agradecimentos pela oportunidade de poder compartilhar essa pesquisa com vocês.

Carlos Batista
Início do verão de 2024

SUMÁRIO

PREFÁCIO.....05

INTRODUÇÃO.....08

Capítulo 1

BREVES ENTENDIMENTOS SOBRE OS GÊNEROS
TEXTUAIS COM BASE NAS TEORIAS

DE BAKHTIN E SAUSSURE.....11

1.1 O Círculo de Bakhtin.....13

1.2 Enunciado e os aspectos dialógicos.....14

1.3 O Estruturalismo de Saussure.....15

1.4 Distribucionalismo e seus apontamentos.....19

1.5 Gêneros Textuais como o resultado.....19

Capítulo 2

MULTILETRAMENTOS: COMPREENSÃO
E IDENTIDADES ATRELADAS ÀS MÍDIAS SOCIAIS

ESTADUNIDENSES.....22

2.1 Alfabetização como o início de tudo.....23

2.2 Letramento como evolução necessária à Alfabetização.....25

2.3 (Multi)letramento: compreensão e identidades.....27

2.4 Mídias sociais Estadunidenses30

Capítulo 3

REDES SOCIAIS DIGITAIS ESTADUNIDENSES:

CONCEITOS E DISCURSOS MIDIÁTICOS.....32

3.1 A rede social Orkut.....33

3.2 O Facebook, a maior rede social do mundo.....34

3.3 A Instagram, uma rede voltada ao uso de imagens.....35

3.4 O YouTube e a democratização de acesso aos vídeos.....36

3.5 Análise de Discurso: entendimentos iniciais.....37

3.6 Michel Pêcheux e Análise de Discurso Francesa.....39

3.7 Maingueneau e os Princípios e Leis do Discurso.....40

3.8 Norman Fairclough e a Análise Crítica do Discurso.....42

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	47
POSFÁCIO.....	55

INTRODUÇÃO
POR QUE?
E (PRINCIPALMENTE)
COMO SE DIVIDE
O ESTUDO?

O presente estudo, baseado no trabalho de conclusão de curso da graduação em Letras do autor, visa detalhar três aspectos principais conectados em torno de um mesmo ensino: **as produções midiáticas contemporâneas.**

Ir-se-á relatar da mesma forma a influência dessas produções através das redes sociais digitais com o foco principal nas redes americanas. Para isto o trabalho é organizado em três capítulos, já previamente delimitados.

O primeiro capítulo intitulado: Breves entendimentos sobre os gêneros textuais com base nas teorias de Bakhtin e Saussure, será voltado aos saberes sobre os gêneros textuais, focados principalmente nas teorias e obras de Mikhail Bakhtin e Ferdinand de Saussure, suas contribuições e a recapitulação dos muitos conceitos envolvidos em suas formulações teóricas além da clara influência dos mesmos em nossa sociedade contemporânea.

O segundo capítulo traz à tona a questão do Multiletramento, o título escolhido foi: Multiletramentos: compreensão e identidades atreladas às mídias sociais americanas, em particular neste capítulo se esmiuça a compreensão e as identidades voltadas aos aspectos contemporâneos da nossa cultura midiática, em especial as redes sociais digitais hoje mais populares.

Essa parte, em singular, se mostra de grande valia pois aborda os conceitos de Alfabetização, Letramento e como nossa cultura se moldou a elas.

No terceiro e último capítulo com tema: Redes sociais digitais estadunidenses: conceitos e discursos midiáticos se descreve as redes sociais mais populares que pela visão do autor moldaram o formato que nos comunicamos atualmente, dentre elas se especifica o Orkut, o Facebook, o Instagram e o YouTube.

A variedade de redes sociais atuais é grande, por isto se escolheu as principais em abrangência no Brasil e no mundo até o ano de 2020 (Imme, 2020), período de conclusão do estudo.

O intuito é igualmente apresentar brevemente outros meios de comunicação que contextualizam os gêneros textuais digitais (Marcushi, 2020).

Todos com suas vantagens e desvantagens, além de autores envolvidos na área da Análise de Discurso como Fairclough, Pecheux e Maingueneau a título de complementação.

Sendo que o trabalho é acima de tudo reflexivo e pretende estimular visões pessoais, acadêmicas e profissionais sobre os campos que o cercam.

CAPÍTULO 01

BREVES ENTENDIMENTOS SOBRE OS
GÊNEROS TEXTUAIS COM BASE NAS
TEORIAS DE BAKHTIN E SAUSSURE

Neste capítulo¹ são apresentadas as teorias e as principais reflexões que envolvem o pensador e filósofo russo Mikhail Mikhailovich Bakhtin ou simplesmente Bakhtin, além do linguista e também filósofo suíço Ferdinand de Saussure.

O objetivo é alicerçar ideias que serviram como base para o desenvolvimento de abordagens dos próximos capítulos do livro (tanto o capítulo 2, como o capítulo 3).

As reflexões preconizadas, após a breve teorização dos conceitos e seus inerentes contextos sociais e históricos envolvidos (Silva, 2013) fazem entender que Bakhtin, apesar de contemporâneo à Saussure, fundamentou concepções absolutamente necessárias aos linguístas atuais. Estes conceitos, no entanto, só tomariam força e corpo graças ao legado deixado pelo investigador suíço.

As abordagens mencionadas também serviram para esboçar muitos outros pontos de vista demonstrados ao longo do estudo.

A escolha de Bakhtin e Saussure para representar este capítulo é proposital, sendo que o primeiro foca em ideias inovadoras em comparação a sua época (Bakhtin, 2016), ideias que deixaram “rastros” por gerações como o dialogismo e o enunciado.

Já Saussure determinou uma visão mais estruturalista e pragmática, onde a língua ele afirma ser homogênea, além de estável e sincrônica (Saussure, 2020).

Macedo (2009, p. 3, grifo próprio) expõe essa crítica velada através de comentários em seu artigo onde compara os dois autores:

¹ Este capítulo também se encontra publicado no livro: “Panorama de Letras: Língua(s), Linguística, Literatura, Discurso, Cultura e Ensino” de 2021, organizado pela Profa. Ellen dos Santos Oliveira pela Editora Bagai disponível para acesso através do link: <https://doi.org/10.37008/978-65-81368-21-0.20.07.21>;

Bakhtin contrapõe a Saussure e ao estruturalismo que emergia embasado em seus postulados, **por não concordar com a ideia de língua enquanto sistema estável, sincrônico, homogêneo; caracterizado por um estudo linguístico** com leis específicas que acoplam o signo da língua no interior de um sistema fechado, desvinculado de valores ideológicos.

Expostos os objetivos tratará de se entender um pouco mais sobre esses dois renomados autores, primeiramente por Mikhail Bakhtin.

1.1 O Círculo de Bakhtin

O filósofo e linguística Mikhail Mikhailovich Bakhtin revolucionou o século XX com os seus pensamentos, teorias e pesquisas.

Bakhtin formatava ideias e pensava “além” de seu tempo, a análise linguística estudada e determinada por ele evidenciava diversos aspectos, dentre eles o emissor² e receptor, dialogismo³ e o enunciado⁴, os quais se focará com mais detalhes nas próximas páginas (Macedo, 2009).

Além destes fatores, teorizados em seus estudos, Bakhtin considerava fundamental entender o contexto social, histórico e ideológico dos participantes (Macedo, 2009), fatos extremamente relevantes e pertinentes em uma época ainda marcada por muitas vertentes ideológicas atreladas a regimes governamentais e conflitos em escala mundial que moldaram a forma que conhecemos e vivenciamos hoje nossa sociedade (Molo; Vianna, 2012).

Esses fatores conjugados e bem assimilados teriam como fruto a plena compreensão do fenômeno da enunciação em si, demonstrados no próximo subitem (1.2).

2 O emissor e receptor na língua é tratado por Bakhtin como uma identidade social e comunicacional vivenciada sempre entre pares;

3 O dialogismo indica que a língua é de fato dialógica, isto é, é proferida por vozes, sempre entre um emissor e receptor, onde qualquer discurso irá encontrar voz em um outro discurso;

4 Já o enunciado é tratado como um único evento, como se fosse habitualmente um novo acontecimento, exclusivo, jamais repetitivo, como por exemplo: um diálogo entre dois pares, uma carta, uma crônica, etc.

Antes é importante ressaltar que o nome dedicado a este subitem não foi em vão, Mikhail Bakhtin não estava sozinho em suas reflexões e teorias, muito pelo contrário, junto com os outros pensadores, formou o que se denominou como Círculo de Bakhtin, ou como enumerada Molon e Vianna (2012, p. 2):

Utiliza-se a expressão Círculo de Bakhtin porque, para além do pensador Mikhail Bakhtin (1895-1975), as formulações e as obras são produto de reflexão de um grupo que tinha a participação de diversos outros intelectuais.

Brandist (*apud* Rojo, 2019, p. 39, grifo próprio, adaptado) ainda salienta as funções principais do círculo e seus pensadores:

O Círculo de Bakhtin é uma escola do pensamento russo do século XX, centrada na obra [de] Mikhail Mikhailovich Bakhtin (1895-1975). **O Círculo abordou filosoficamente as questões sociais e culturais decorrentes da Revolução Russa e de sua degeneração com a ditadura de Stalin. Seu trabalho centrou-se em questões de relevância para a vida social em geral e para a criação artística, analisando em particular, a maneira como a linguagem registra os conflitos entre grupos sociais.** Foram membros desse Círculo de discussão Matvei Isaevich Kagan (1889-1937), Pavel Nikolaevich Pumpianskii (1891-1938); Lev Vasilievich Pumpianskii (1891-1940); Ivan Ivanovich Sollertinskii (1902-1944); Valentin Nikolaevich Volochinov (1895-1936); entre outros.

As contribuições dos estudos de Bakhtin e o Círculo que formava foram inúmeras e são enumeradas adiante.

1.2 Enunciado e os aspectos dialógicos

Os aspectos centrais das teorias de Bakhtin dizem respeito à Linguística de Enunciação, área específica da qual se trata estritamente dos estudos dos enunciados.

A notoriedade do estudo ganhou força e destaque com a publicação da obra: *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, em 1929, nele Bakhtin (Molo; Vianna, 2012) tem a primazia de lançar as bases sobre os conceitos de enunciação, ou melhor da interação verbal e escrita.

Bakhtin definiu que toda interação, através de uma linguagem, deve respeitar suas reais condições de uso e não necessariamente

ser classificada com base em análises das palavras e suas categorias atreladas.

Além disso, o enunciado em questão deve ter um caráter essencialmente vinculado ao dialogismo se tornando um produto e meio de enunciados anteriores (Molo; Vianna, 2012).

Para isto, a fim de compreender corretamente o seu sentido, se faz essencial entender o seu contexto, isto é, as condições que foi produzido.

Isto torna a relação entre enunciado e dialogismo intrínseca (Molo; Vianna, 2012), ou como descreve Araújo (Brasil Escola, 2020): “Para analisarmos um enunciado, é preciso observá-lo a partir de sua relação dialógica, ou seja, como cada enunciado é um elo na corrente de outros [...].”

Essa “corrente” só consegue ser sentida e materializada a partir da linguística e suas contextualizações, como por exemplo, os textos verbais e os textos escritos. Estes sim, verdadeiros exemplos de enunciados concretos permeados de relações dialógicas⁵. Finalmente Bakhtin (*apud* Pinheiro, Nova Escola, 2009) sentencia em seus apontamentos:

A língua materna, seu vocabulário e sua estrutura gramatical, não conhecemos por meio de dicionários ou manuais de gramática, mas graças aos enunciados concretos que ouvimos e reproduzimos na comunicação efetiva com as pessoas que nos rodeiam.

1.3 O Estruturalismo de Saussure

Ferdinand de Saussure pode ser considerado o “pai” da linguística que no final do século XIX e início do século XX delimitou e conceituou o uso da língua através de um método: o Estruturalismo (Silva, 2013).

Rodrigues (2008, p. 1, adaptado) o exemplifica:

[...] O pesquisador suíço Ferdinand de Saussure, atento [...] e com uma enorme capacidade de ler e processar o conhecimento lingüístico da humanidade d[o] então, final do século XIX e limiar do século XX, foi quem primeiro delimitou esse objeto, a língua, e municiou aos lingüistas de um método, o estruturalismo [...].

5 As relações dialógicas são as relações propostas por Bakhtin e os integrantes do Círculo, constantemente permeadas por interações sociais e fruto dos seus enunciados.

Mas o que significa o estruturalismo? E por que sua teoria é estudada neste capítulo?

Segundo Silva (2013) o estruturalismo⁶, corrente linguística saussuriana fundada na Suíça, prega que qualquer língua pode ser analisada através de um sistema de elementos com equivalência ou com composição entre eles, mantendo assim uma relação intrínseca e natural entre os mesmos.

O sistema estruturalista também foi usado para descrever muitos pensamentos na parte das ciências humanas (Santos; Arnemann, 2016).

O fato de entender a língua como uma estrutura e não necessariamente como uma forma significa na prática e nas palavras de Silva (2013, p. 54, grifo próprio), que o Estruturalismo segue, em suma, de alguns princípios:

O Estruturalismo segue o princípio de que a língua deve ser estudada em si mesma e por si mesma, criando um estudo imanente da língua. Esse estudo desconsidera fatos extralinguísticos e exclui, por conseguinte, relações entre língua e sociedade, língua e cultura, língua e literatura e qualquer outra relação que não seja relacionada à organização interna dos elementos constituintes do sistema da língua.

Se percebe que o estruturalismo trata da língua de maneira pragmática⁷ descartando, a princípio, fatores externos.

Se os objetos específicos da língua é a sua estrutura, desenvolve-se então o que podemos chamar de partição, ou metade, ou mesmo dicotomia⁸ entre a língua e a fala.

Em seus estudos Saussure prioriza essencialmente os aspectos linguísticos (Silva, 2017) e não exatamente a fala, como seus objetos principais para análise. Ainda Saussure determina que tanto língua como fala possuem razões dicotômicas, quer dizer, possuem dois lados: o social (representado pela própria língua) e o individual (representado pela fala).

6 Os principais conceitos e teorias de Ferdinand de Saussure podem ser entendidos e lidos através de sua obra póstuma: “Curso de linguística Geral de Saussure”, publicada inicialmente em 1916;

7 Neste conceito do termo pragmático se atribui objetivos muito bem definidos e delimitados;

8 O termo dicotomia tem origem grega (dikhotomía) e significa basicamente a divisão entre duas partes, por exemplo, entre dois elementos (Fernandes, 2020).

Nessa ação em especial se percebe uma clara limitação (Santos; Arnemann, 2016) a partir destes conceitos, uma vez que Ferdinand de Saussure atrela os aspectos linguísticos as ações comunicativas, já a fala não, ela é específica e inerente de cada falante.

Uma questão abordada em seus estudos (Silva, 2020) é que a língua não deve ser modificada, tão pouco criada por um indivíduo ou um grupo deles.

A língua, o seu foco principal, é estudada com base em suas relações internas ou métodos sincrônicos. Silva (2013, p. 55, grifo próprio) detalha isto em suas explicações:

A descrição da língua pelo método sincrônico tem por tarefa, portanto, estudar e descrever a língua em momento (estado) específico, independentemente da combinação particular de movimentos (mudanças) já ocorridos.

Isso significa que a língua, para Saussure, é um sistema de signos, dentre dois pares principais, o significante e o significado (Santos; Arnemann, 2016).

Para entender melhor está separação se toma como base o significante ser uma sequência linear de fonemas, por exemplo, /a/m/o/r/ ou /c/a/r/r/o/ e o significado é (são) o(s) sentido(s) atribuído(s) a ele(s).

Como o próprio Saussure (*apud* Rodrigues, 2008, p. 11, grifo próprio) define:

Um sistema linguístico é uma série de diferenças de sons combinadas com uma série de diferenças de ideias; mas essa confrontação de um certo número de signos acústicos com outras tantas divisões feitas na massa do pensamento engendra um sistema de valores; e é tal sistema que constitui um vínculo efetivo entre os elementos fônicos e psíquicos no interior de cada signo. Conquanto o significado e o significante sejam considerados, cada qual à parte, puramente diferenciais e negativos, sua combinação é um fato positivo; é mesmo a única espécie de fatos que a língua comporta, pois o próprio da instituição linguística é justamente manter o paralelismo entre essas duas ordens de diferenças.

Se ressalta que todos os fonemas são compostos por letras: (a, b, c, d, e etc.) formando assim palavras que podem ter, ou não, diferentes sentidos (Santos; Arnemann, 2016).

Um aspecto significativo é a menção que o signo só pode ser determinado linearmente, portanto em uma sequência para ter sentido, como uma frase escrita em ordem crescente, do começo ao fim.

A composição e a combinação dentre os vários morfemas e fonemas se dá o nome de sintagmas.

Nascimento (2012, p. 63, grifo próprio) define e enriquece muito bem o conceito de sintagma, através da obra⁹ principal de Saussure:

O conceito de sintagma é um conceito linguístico de Ferdinand de Saussure, encontrado na obra clássica Curso de Linguística Geral, publicada em Paris, em 1916. **Conceituando sintagma de uma perspectiva do uso da língua pelo falante, os sintagmas são os verdadeiros constituintes da oração.**

Os sintagmas, por assim dizer, constituem o que conhecemos como as frases.

Dispostas sempre em blocos, melhor, em unidades permanentemente posicionadas através de um eixo horizontal imaginário.

E sobre essas “combinações sintagmáticas” que vem a riqueza do Estruturalismo (Silva, 2013) pois podem ser divididas em três tipos de relações, respectivamente:

- Primeira relação: relações em **Nível Fonológico**, focada especificamente em fonemas¹⁰;
- Segunda relação: relações em **Nível Morfológico**, focada especificamente em morfemas¹¹;
- Terceira relação: relações em **Nível Sintático**, focada em análises sintáticas¹²;

Mais uma vez se enfatiza que o Estruturalismo de Ferdinand de Saussure foi a base necessária para àquilo que conhecemos como estudo inicial e estrutural da língua, mesmo com algumas limitações inerentes da época (Santos; Arnemann, 2016).

9 Na obra Curso de Linguística Geral foi revelada toda grandeza das teorias de Saussure, como a dicotomia (entre a fala e a língua) e a diacronia e sincronia dos estudos da língua;

10 Nestas relações, de nível fonológico, todas as unidades se combinam para formar sílabas específicas, por exemplo: pa-ta ou ca-sa;

11 Nestas relações, de nível morfológico, os morfemas se unem para formar palavras;

12 Já no nível sintático, as palavras (os morfemas) se unem e combinam para formar as frases que compõem os parágrafos.

1.4 Distribucionalismo e seus apontamentos

Antes de finalizar o capítulo se enumera o que pode ser considerado como uma evolução do Estruturalismo já conhecido, trata-se do Distribucionalismo¹³.

Proposto pelo linguística norte-americano Leonard Bloomfield, na sua obra datada de 1933 intitulada “Language”, Bloomfield aprimora a descrição acertadamente sincrônica de Saussure em três novos postulados (Nascimento; Nascimento, 2011) e (Silva, 2013):

1. Para cada língua haverá uma **estrutura específica**;
2. Serão somente três níveis que podem compor a estrutura de uma língua: o **nível fonológico**, o **nível morfológico** e o **nível sintático**;
3. A língua deve ser descrita de **unidades** simples para unidades cada vez mais **complexas**.

Cada nível é composto de unidades imediatamente inferiores a ele, por exemplo, em ordem decrescente, os fonemas se constituem de morfemas que por sua vez são constituídos por palavras e por fim em construções textuais (Nascimento; Nascimento, 2011).

1.5 Gêneros textuais como o resultado

A princípio se pode ter uma ideia “simplista” e de consenso geral de que os gêneros¹⁴ podem ser tanto de ordem masculina ou feminina.

A ideia de gênero remete inicialmente à Grécia Antiga, (Silva, 2017) aonde Platão denominava os tipos de gêneros em épico, o lírico e o dramático, depois tem-se Aristóteles com a apresentação de dois

13 O Distribucionalismo de Leonard Bloomfield também teve uma clara influência positivista, apesar dos estudos científicos americanos serem distintos dos estudos científicos europeus se notam influências do behaviorismo e das línguas dos índios da Costa Oeste que nortearam este movimento;

14 A essência da identificação de um gênero se refere à identificação de algo, um indivíduo, por exemplo, com características biológicas, dentre elas as dos gêneros masculino e feminino.

trabalhos importantes nesta área a Arte Retórica¹⁵ e Arte Poética¹⁶.

Os estudos ficaram “adormecidos” por alguns séculos e voltaram à tona com grande força e intensidade no final do século XIX e início do século XX (Silva, 2017).

Até agora se descreveu dois teóricos principais, responsáveis por repaginar e alicerçar estes novos conceitos: Ferdinand de Saussure (1857 – 1913) e posteriormente Mikhail Mikhailovich Bakhtin (1895 – 1975) tratados em tópicos anteriores.

Todavia, neste subitem vale esmiuçar que os gêneros podem ser classificados entre primários e secundários, sendo os primários àqueles os quais se convivem em nossas atividades cotidianas:

Chama-se de gêneros primários àqueles que ocorrem em nossas atividades mais simples, privadas e cotidianas, geralmente – mas não necessariamente – na modalidade oral do discurso. **São ordens, pedidos, cumprimentos, conversas com amigos ou parentes [...]** (Bakhtin *apud* Rojo; Barbosa, p. 18, grifo próprio).

Já os gêneros secundários são mais complexos e permeiam a nossa sociedade de forma cada vez mais presente, como noticiários, relatórios, telenovelas, contratos, etc.

Por outro lado, há os gêneros secundários que servem a finalidades públicas de vários tipos, em diversas esferas ou campos de atividade humana e de comunicação. **Esses são mais complexos, regularmente se valem da escrita de uma ou de outra maneira [...]** (Bakhtin *apud* Rojo; Barbosa, P. 18, grifo próprio).

Ainda temos o complemento de Bazerman (*apud* Rojo; Barbosa, p. 20) que salienta os gêneros como: “formas textuais padronizadas típicas”, sendo que os textos são de fato um: “conjuntos de sistemas de gêneros” (IBIDEM, p. 20).

Porém como esse trabalho se propõe a escrever sobre as produções textuais contemporâneas atreladas especificamente à mídia digital se torna importante definir o que são, inicialmente, os gêneros textuais digitais e midiáticos.

¹⁵ Em seus estudos Aristóteles propôs a Arte Retórica fundamentada em três tipos de gêneros: o gênero deliberativo, o gênero judiciário e o gênero epidítico. (Silva, 2017);

¹⁶ A Arte Poética, segundo Aristóteles, busca retratar a produção poética voltada ao seu mesmo meio, desenvolvendo textos e sentidos atrelados à Epopeia e à Tragédia (Silva, 2017).

Apesar da semelhança, as aplicações e as definições de ambos podem ser bem diferentes.

De acordo com Marcuschi (*apud* Rojo, Glossário CEALE, 2020), tipos textuais, podem ser definidos como: “[...] uma espécie de construção teórica definida pela natureza linguística de sua composição (aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas).”

Já os gêneros textuais têm um conceito mais amplo, de acordo com o Marcuschi (*apud* Rojo, Glossário CEALE, 2020), são entendidos por: “[...] textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sociocomunicativas definidas por conteúdos [...], estilo e [...] característica.”

Sendo assim, tipos de textos podem ser classes de um ou mais textos, detalhando conforme suas características linguísticas, dentre elas a parte gramatical, sua sintaxe, coesão e coerência em cima sempre de um todo pré-definido.

Já se interpreta que os gêneros textuais têm uma abrangência muito maior, praticamente infinita (Marcuschi, 2010), estão inseridos em nossa sociedade moderna sem a nítida percepção, inúmeras vezes, e a partir deles tem-se as ciências de informações instantâneas, ou não, dos quais os compõem.

Além disto os gêneros foram predominantemente orais no início histórico das sociedades civilizadas passando a serem escritos conforme o avanço e evolução dos povos, acompanhando, por consequência, nossa própria evolução documentada (Silva, 2017).

CAPÍTULO 02

MULTILETRAMENTOS:
COMPREENSÃO E IDENTIDADES
ATRELADAS ÀS MÍDIAS SOCIAIS
ESTADUNIDENSES

Antes de entender melhor as mídias sociais¹ a serem estudadas e exemplificadas neste capítulo, (vide subtópico 2.4), se abordará os conceitos da Alfabetização, do Letramento e do Multiletramento em tópicos demonstrados sequencialmente (tópicos 2.1, 2.2 e 2.3 respectivamente) com o intuito de apresentar sua compreensão de uma forma linear (Barbosa, 2020).

A abordagem de cada conceito, mesmo que sejam de forma breve, com os seus aspectos, características e qualidades (Barbosa, 2020), alicerça à assimilação das mídias sociais estadunidenses em um segundo momento.

2.1 Alfabetização como o início de tudo

O que vem a ser a Alfabetização? Muitos autores atrelam e associam os dois conceitos (alfabetização e letramento) a mesma temática (Soares, 2004) e de fato, isto é verdade, tanto que no próximo tópico o conceito de letramento será esmiuçado de uma forma um pouco mais aprofundada.

Para entender melhor o termo alfabetização, se ressaltam duas definições complementares, uma exemplificada por Marchesoni e Shimazaki (Educação: Teoria e Prática, 2021, p. 5, adaptado) onde para elas:

“A alfabetização não se limita apenas ao ensino da leitura e escrita ou aprender a ler e escrever. [portanto] Ser alfabetizado vai além de conhecer o código linguístico, saber as letras do alfabeto ou até ler e escrever algumas palavras [...]”

¹ Os textos abordados no capítulo foram publicados na Revista Acadêmica Núcleo do Conhecimento, em 2021, pelo próprio autor, por meio do artigo: “Multiletramentos: compreensão e identidades atreladas às mídias sociais estadunidenses” disponível para acesso através do link DOI: [10.32749/nucleodoconhecimento.com.br/educacao/compreensao-e-identidades](https://doi.org/10.32749/nucleodoconhecimento.com.br/educacao/compreensao-e-identidades).

Já uma das principais catedráticas na área, a renomada autora e professora Magda Becker Soares, definiu em seu artigo de 2004, a alfabetização como:

Em síntese, [...] a [...] **alfabetização, entendida como processo de aquisição e apropriação do sistema da escrita, alfabético e ortográfico**; em segundo lugar, e como decorrência, a importância de que a alfabetização se desenvolva num contexto de letramento - entendido este, no que se refere à etapa inicial da aprendizagem da escrita, como a participação em eventos variados de leitura e de escrita, e o conseqüente desenvolvimento de habilidades de uso da leitura e da escrita nas práticas sociais que envolvem a língua escrita, e de atitudes positivas em relação a essas práticas (Soares, 2004, grifo próprio).

Isto significa na prática que o processo de alfabetizar é atrelado intimamente ao processo de aprender², conhecer, interiorizar e se apropriar do alfabeto³ e da língua vernácula da região em que o indivíduo pretende se comunicar (Rojo; Moura, 2019).

Pode parecer algo simples, mas de fato não é, pois é preciso o domínio preciso de regras entre as letras, representados pelos grafemas⁴ e os seus sons, representados pelos fonemas⁵.

Alfabetizar uma pessoa se tornou mais complexo com o tempo, de tal que forma que antes, no início do século XX era considerado suficiente somente ler poucas palavras e assinar o seu nome, àqueles que não detinham essa aptidão eram considerados analfabetos, o alfabetização evocava um “status” de ser domínio não só das elites como também de pessoas que viviam em cidades, em grandes centros urbanos (Rojo; Moura, 2019).

A partir da década de 70 se cunhou o termo (an)alfabetismo funcional, o qual significa em termos práticos, segundo Castro (Brasil Escola, 2020, grifo próprio):

2 Segundo o dicionário Michaelis o verbo aprender tem o significado de: “ficar sabendo, reter na memória, tomar conhecimento de ou adquirir habilidade prática (em) (Michaelis Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa, 2020);

3 Para o dicionário Michaelis o substantivo masculino alfabeto significa: “sistema de representação dos sons da fala por meio de letras, fonemas, palavras, textos, etc.” (Michaelis Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa, 2020);

4 Grafemas podem ser entendidos como: “as unidades escolhidas para grafar sons”, neste caso as unidades são as letras. (Glossário CEALE, 2020);

5 Fonema é o: “[...] som distintivo em uma língua.”, quando se atribui um novo som, tem-se uma nova palavra. (Glossário CEALE, 2020).

São chamados de analfabetos funcionais os indivíduos que, embora saibam reconhecer letras e números, **são incapazes de compreender textos simples, bem como realizar operações matemáticas mais elaboradas.**

Não é só, analfabetos funcionais são pessoas que não tem o traquejo, ou melhor, o domínio de situações diversas do dia a dia, (Rojo; Moura, 2019). que exigem um nível de complexidade maior, como utilizar um cartão magnético em um banco ou calcular as prestações de um empréstimo e até mesmo saber interpretar textos mais complexos, como relatórios, livros e contratos.

A solução para que este analfabetismo funcional seja erradicado é a adoção cada vez maior do letramento e do (multi)letramento em nossa sociedade e é sobre eles que irá descrever nos próximos tópicos.

2.2 Letramento como evolução necessária à Alfabetização

Se interpreta que não basta ser alfabetizado, é preciso também ser “letrado” na língua, melhor, aprender cada vez mais o conjunto de códigos, símbolos e suas aplicações em nossa sociedade (Rojo; Moura, 2019).

A história do termo Letramento e sua aplicação é enumerada pela pesquisadora Magna Soares⁶ em seu artigo: “Letramento e alfabetização: as muitas facetas”, de 2004, se observa um trecho instigante dele abaixo:

[...] **em meados dos anos de 1980 que se dá, simultaneamente, a invenção do letramento no Brasil**, do illetterisme, na França, da literacia, em Portugal, para nomear fenômenos distintos daquele denominado alfabetização, alphabétisation. Nos Estados Unidos e na Inglaterra, embora a palavra literacy já estivesse dicionarizada desde o final do século XIX, foi também nos anos de 1980 que o fenômeno que ela nomeia, (Soares, 2004, grifo próprio).

Para Soares letramento significa basicamente:

⁶ Magda Becker Soares, (1932 - 2023), natural de Belo Horizonte em Minas Gerais foi professora titular da UFMG (através da sua Faculdade de Educação) e pesquisadora. Doutora em Letras, sua obra como acadêmica é vasta com diversas publicações sobre os conceitos e temas atrelados à alfabetização e igualmente sobre o letramento;

Resultado da ação de ensinar e aprender as práticas sociais de leitura e escrita; O estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita e de suas práticas sociais (2009, p. 39, apud GRANDO, 2012, p. 6, grifo próprio).

A questão de praticar e aprender tanto a leitura como a escrita, é a realidade do novo contexto social, o termo (e vocábulo) letramento⁷ traduz, em suma, uma nova percepção em que a sociedade brasileira (e mundial) inicia um processo de depuração de aperfeiçoamento da prática de ler e escrever, não mais em sua forma mecânica, usual ou considerada necessária.

Mas sim, algo muito mais complexo e absolutamente imprescindível para evoluir os entendimentos sociais, com isso, praticar “atividades letradas” (Guimarães, 2020) envolverá também o: letramento escolar, o letramento artístico e o letramento profissional⁸, de forma presente e essencial.

A questão do letramento pode ser entendida como longas e históricas práticas de “atividades letradas” em nossa sociedade, portanto, existe uma evolução necessária para sobrevivência e manutenção de povos (Rojo; Moura, 2019).

No início tinha-se os primeiros alfabetos, rudimentares ou não, e a necessidade de registrar através da escrita os feitos dos deuses, dos reinos e seus costumes, o letramento migrou da religião para a cultura, como na Idade Média onde a igreja guardava os seus registros sagrados apenas aos letrados e os versados em seus propósitos.

Posteriormente a invenção e aprimoramento da prensa por Gutenberg⁹ permitiu a popularização de literaturas impressas, onde a réplica e a distribuição se tornou cada vez mais democrática e acessível, permitindo assim novos letramentos.

A Revolução Industrial trouxe meios, trouxe máquinas e ferramental para as sociedades contemporâneas alcançar novas formas na

7 Neste ponto o termo letramento está atrelado à linguagem escrita e à concepção da alfabetização (Michaelis Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa, 2020);

8 O contexto do Letramento Profissional visa construir competências em âmbito corporativo como conhecimentos de novas técnicas, aprimoramento de qualidades e habilidades (skills) e uso de uma forma ampla e categorizada de linguagens através dos mais diversos formatos e meios para aumento da produtividade do profissional (Costa; Paz, 2017);

9 É creditado a Johannes Gutenberg a invenção e popularização da prensa de impressão.

distribuição das escritas permitindo novos formatos e consequentemente novos públicos (Barbosa, 2016).

Porém o grande salto se deu com os novos meios de comunicação, tanto das formas radiofônicas, inicialmente, como posteriormente as televisivas, as cinematográficas e por fim as digitais.

Todo este novo processo permitiu atingir novos patamares de necessidades e compreensões das escritas tradicionais e dos letramentos enfatizados desde o início do tópico. As múltiplas linguagens nos leva a um novo padrão de compreensão: a do multiletramento.

2.3 (Multi)letramento: compreensão e identidades

De forma geral e mesmo antes de se embasar os conceitos atrelados ao multiletramento, sua evolução e um pouco de sua história, ressalta-se que o termo não deve ser visto apenas como a evolução da letramento em si, (Rojo; Moura, 2019), mas sim a evolução das necessidades intrínsecas de nossa cultura, percebida e cunhada principalmente a partir do final do século XX aonde os novos conteúdos midiáticos¹⁰ passaram a surgir e ganhar força.

O conceito do multiletramento (Rojo; Moura, 2019) foi popularizado através de um grupo de pesquisadores de diferentes nacionalidades, precisamente australianos, americanos e ingleses, reunidos nos Estados Unidos, na cidade de New England (Nova Londres) no estado de New Hampshire, eles formaram o que ficou conhecido como GNL (New London Group).

Os pesquisadores do The New London Group¹¹ (GNL) perceberam e ressaltavam o impacto inevitável da composição das novas mídias digitais na formação dos textos (Souza; Cardoso, 2020).

Para Rojo e Moura (2019, p. 19) em um tópico exclusivamente dedicado a este estudo em sua obra, o GNL:

[...] ressaltavam que os textos, em parte devido ao impacto das mídias digitais, estavam mudando e já não mais eram essencialmente escritos, mas se compunham de uma pluralidade de linguagens, que eles denominaram: multimodalidade.

10 Entende-se por conteúdos midiáticos, conteúdos que mesclam imagens, sons e textos de forma conjugada ou não;

11 Faziam parte do grupo em ordem alfabética: Allan Luke; Bill Cope; Carmen Luke; Courtney Cazden; Gunther Kress; James Paul Gee; Marin Nakata; Mary Kalantzis; Norman Fairclough; Sarah Michaels.

Essa “aceleração” de impactos estava atrelada à globalização, uma vez que existia uma profusão cada vez maior de mídias e diversidades tanto sociais, e conseqüentemente culturais, como também étnicas, com isto Rojo e Moura (2019, p. 21, grifo próprio) complementam:

Isso tinha impacto não somente nos textos, que se tornavam cada vez mais multimodais, mas também na diversidade cultural e linguística das populações, **o que implicaria mudanças necessárias na educação para o que chamaram de multiletramentos.**

Portanto, se entende que o termo multiletramento está atrelado a duas frentes, igualmente complementares, à primeira seria a toda diversidade cultural que a permeia com a inserção cada vez maior de culturas, costumes e formatos multiculturais e à segunda e mais importante sob o ponto de vista da pesquisa é de que o letramento em si se encontra associado às múltiplas linguagens que gradativamente têm-se disponíveis (Barbosa, 2016).

Se ressalta nessas conjunturas as imagens, tanto estáticas, como também em movimento, as linguagens verbais e escritas, as músicas, os movimentos, gestuais ou rítmicos, a dança e os demais incontáveis outros formatos.

Retoma-se a ideia do primeiro parágrafo deste tópico, acerca do multiletramento¹², sob o ponto de vista que não deve se mensurado simplesmente como uma evolução do letramento, mas sim a “raiz”, o radical da significação do termo multi¹³, onde os multiletramentos significam os diversos tipos de letramentos atrelados as mais diversas produções de discursos e textos (Barbosa, 2016).

Reunindo logo uma característica essencial que o torna único: a multimodalidade¹⁴.

Embasados os conceitos, entendidos suas principais características ressalta-se agora o seu meio de atuação principal: a web e os conteúdos midiáticos atrelados a ela.

As novas tecnologias eletrônicas trouxeram um avanço incensurável nos novos (multi)letramentos digitais, dentre elas se destaca as TDICs (Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação),

12 A melhor forma de explicar o termo multiletramento é a multimodalidade presente em textos e mídias;

13 O prefixo multi vem no sentido de indicar múltiplas coisas, múltiplas vezes e sua origem é na palavra em latim multu;

14 O termo multimodalidade vem do conceito de diferentes linguagens associadas e combinadas, como por exemplo: os gestos e as representações visuais.

Costa, Duqueviz e Pedroza (2015, p. 608, grifo próprio) enumeram em seu artigo:

As TDIC têm exercido a função de instrumentos mediadores dos processos de aprendizagem dos nativos digitais quanto a aprender a conhecer e aprender a fazer em vivências cotidianas ou no acesso à cultura tecnopopular. As novas tecnologias parecem influenciar e impactar a constituição de sujeitos dos usuários em grande potencial das tecnologias digitais, de modo que os aprenderes a conhecer e a fazer perpassam o acesso à internet, além dos aprenderes a conviver e a ser implicarem em comunicação virtual com família e amigos, como relatado por Rossato (2014).

Considera-se algumas características complementares:

- Sem dúvida alguma a **internet foi o meio que mais difundiu os novos conceitos de (multi)letramento** e aprendizagem estimulando novas práticas sociais (Rojo; Moura, 2019);
- Os novos (multi)letramentos se tornam também **multimodais e principalmente multifacetados** (Rojo; Moura, 2019).

O resultado se observa através dos inúmeros recursos que o (multi)letramento nos propicia, dentre eles pontua-se uma atenção especial aos hiperlinks.

O linguista Marcuschi (Luiz Antônio Marcuschi) salientou a maneira que atualmente lemos, as modificações que surgiram durante todo esse processo de criação dos hipertextos (Marcuschi, 2010) e as demais características dos gêneros digitais.

O fenômeno do hiperlink possibilitou criar o que denomina-se como hipertexto. De acordo com Arantes (apud Silva, 2017) um hipertexto bem produzido e compreendido deve respeitar três características marcantes:

- **Flexibilidade** na escrita, interatividade e marcas constantes de discursos orais;
- **Coesão, coerência e intertextualidade** evidentes;
- Noção de produção escrita em coerência com os aspectos locais e globais do texto, além da presença de hiperlinks que funcionam com os verdadeiros **operadores de coesão do texto** (Silva, 2017).

Os hipertextos só ganham “vida”, por assim dizer, com os hiperlinks¹⁵, e embasa-se todo este novo modelo de letramento com as literaturas, tanto brasileira como a estrangeira.

Enfatiza-se que este ambiente só tem “continuidade”, forma, amparo e desenvolvimento em vista das mídias sociais, em especial nas redes sociais de origem norte-americanas e é sobre elas que escreve-se no próximo tópico.

2.4 Mídias sociais Estadunidenses

O fenômeno das mídias sociais norte-americanas no mundo atual globalizado se deve ao sucesso de suas redes sociais digitais e ao seu alcance (Gnipper, 2020).

Permea-se hoje por tecnologias e mídias que facilitam gradualmente a comunicação, encurtando distâncias antes quilométricas, essa forma de comunicação “instantânea” modifica, transforma a maneira com que as pessoas (Lévy, 2009) tendem a se comunicar.

Tem-se, nesse sentido, uma convergência entre mídias, tecnologias, informações e comunicações configurando assim as redes sociais digitais. O conceito de rede pode ser entendido como Recuero (2009, p. 24 apud Santos; Santos, p. 310, grifo próprio), exemplifica:

[...] uma rede,[...], é uma metáfora para observar os padrões de conexão de um grupo social, a partir das conexões estabelecidas entre os diversos atores. A abordagem de rede tem, assim, seu foco na estrutura social [...]. O estudo das redes sociais na internet,[...], foca o problema de como as estruturas sociais surgem, de que tipo são, como são compostas **através da comunicação mediada pelo computador e como essas interações mediadas são capazes de gerar fluxos de informação e trocas sociais que impactam suas estruturas.**

Desta forma se interpreta as redes sociais por algo que se envolve: “[...] não apenas em pessoas e grupos sociais, mas também em artefatos, dispositivos e entidades” (Santaella; Lemos, 2010, p. 40 apud Santos; Santos, p. 310).

As redes sociais são o meio e as possibilidades (Santos; Santos, 2014), foram criadas para o ciberespaço, são imersas nele (Lévy, 2009) e são alimentadas pelos seus usuários, através dos dispositivos que

¹⁵ O sentido básico do hiperlink é fazer a ligação (conexão) entre diferentes partes de um texto, sendo assim basicamente uma área clicável em um texto será conectada imediatamente a outra e assim sucessivamente.

usam: tablets, smartphones e computadores, por exemplo.

Uma das suas principais vantagens e segredos do seu sucesso são os seus conteúdos midiáticos¹⁶, onde o compartilhamento das informações se torna praticamente “obrigatório” (Santos; Santos, 2014), ele é alimentado pelos seus usuários de forma constante. Assim, tanto os consumidores como os produtores se tornam um só e o letramento digital¹⁷ se torna onipresente.

Essa evolução comunicacional se faz desde os primórdios de nosso processo de alfabetização (Santos; Santos, 2014), o advento das redes sociais digitais só vem alicerçar ele, apoiando a técnica e a tecnologia na evolução de formatos anteriormente utilizados, que foram ou estão sendo descontinuados em vista da nova realidade que vivemos e da nova forma que se consome os conteúdos multimodais.

No próximo capítulo irá se esmiuçar melhor essas redes envolvidas na Análise de Discurso e seus principais teóricos.

16 O adjetivo midiático exemplifica àquilo que vem próprio de uma mídia ou que teve difusão por uma mídia (Michaelis Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa, 2020);

17 O sentido do letramento digital neste contexto é a necessidade praticamente obrigatória de entendimentos dos seus usuários em navegar e manipular suas interfaces digitais.

CAPÍTULO 03
REDES SOCIAIS DIGITAIS
ESTADUNIDENSES:
CONCEITOS E DISCURSOS MUDIÁTICOS

Descrever historicamente as redes sociais digitais¹ norte-americanas se torna sempre um desafio, não só pela quantidade e importância (Gnipper, 2020), mas principalmente por seu universo permeado sempre de conceitos de (multi)letramento, multimodalidades e também por todo aspecto semiótico² que envolvem os seus conteúdos.

Porém este capítulo tem como propósito principal não somente descrevê-las (Gnipper, 2020), mas sim atrelar o discurso atualmente utilizado em suas abordagens nas teorias da Análise de Discurso, em especial nos teóricos Michel Pêcheux, Dominique Maingueneau e Norman Fairclough. Realizar esta “intersecção” se faz salutar para, como comentado na Introdução do trabalho, estimular visões reflexivas sobre o discurso midiático atual (Marcuschi, 2010).

Para tal esmiuça-se separadamente e em 4 (quatro) subitens, as redes sociais Orkut, Facebook, Instagram e YouTube.

3.1 A rede social Orkut

Criada em 2004 pelo turco Orkut Büyükkökten a rede se tornou um referencial como à primeira rede social digital mundial de sucesso.

Orkut, que foi funcionário do Google, é engenheiro por formação com PhD em ciência da computação pela Universidade de Stanford (Kleina, 2018) e já em 2001 criava suas primeiras iniciativas na área como o Clube Nexus até ingressar na empresa Google que abraçou sua ideia e permitiu lançar sua posterior famosa rede digital no mundo todo.

¹ A temática que envolve esse capítulo foi detalhada por meio do artigo: “Multiletramentos: Compreensão e Identidades atreladas às mídias sociais Estadunidenses” publicado pela Revista Acadêmica Núcleo do Conhecimento em 2021, disponível para visualização por meio do link: [10.32749/nucleodoconhecimento.com.br/educacao/compreensao-e-identidades](https://doi.org/10.32749/nucleodoconhecimento.com.br/educacao/compreensao-e-identidades);

² O termo semiótica está atrelado ao processo do significado de termos e dos seus signos ligados.

A rede social Orkut foi a pioneira em estabelecer uma forma de comunicação entre os seus usuários que promove gostos, informações, além de ser difusora de conhecimentos, hábitos e relacionamentos entre os seus integrantes (Santos; Santos, 2014).

A questão do (multi)letramento já era utilizada desde o início, pois os usuários precisavam se cadastrar determinando seus dados principais e características, após este cadastro eles podiam ingressar nas várias comunidades criadas compartilhando assim os mesmos interesses realçando inúmeros conceitos midiáticos³, como exemplifica Torres (2009, p. 137 *apud* Santos; Santos, 2014, p. 311, grifo próprio):

O conceito do Orkut é bastante simples: você cria um perfil, composto por uma série de informações pessoais, fotos e vídeos, e pode convidar membros para serem seus amigos. Esses amigos passam a poder ver as atualizações de seu perfil e a trocar mensagens com você. Além disso, você pode criar uma comunidade, com fórum de discussão, eventos e enquetes, ligada a qualquer tema que imaginar, e convidar pessoas a participarem dela.

A rede conseguiu se popular em diversas partes do mundo, especialmente no Brasil, onde alcançou mais de 700 mil usuários (Kleina, 2018) já no seu primeiro ano de divulgação, em 2004, após sucessivos desgastes de públicos e com novas redes sociais digitais lançadas, rivalizando assim em concorrência e conteúdo, a rede foi oficialmente desativada pelo Google em 2014 (Kleina, 2018).

O mérito principal do Orkut foi ser a “porta de entrada” para um letramento virtual que se esforçava a todo instante em ser um “não virtual”, o Orkut também marcou o início de uma série de ferramentas sociais e digitais norte-americanas de muito sucesso que visavam e até o momento presente visam estreitar os laços de comunicação entre os seus usuários utilizando de plataformas e meios digitais.

3.2 O Facebook, a maior rede social do mundo

O Facebook, criado em Fevereiro de 2004, pelo até então estudante da Universidade de Harvard, Mark Zuckerberg, teve um início tímido focando inicialmente nos graduandos da própria universidade de Zuckerberg, sendo aberto ao público somente dois anos depois

³ O significado deste termo neste contexto é a espontaneidade dos atos dentro da plataforma, utilizando ações, links e formatos diversos.

(Santos; Santos, 2014).

O sucesso do Facebook se deve basicamente às ferramentas interacionais que utiliza e aos mecanismos de segurança que propõe, diferentemente do Orkut, que experimentou sua decadência justamente por este fato. Torres (2009, p. 172 *apud* Santos; Santos, 2014, p. 312, adaptado) ressalta bem isto:

[...] é mais privado [a utilização] que outros [tipos de] sites de redes sociais [digitais], pois apenas [os] usuários [cadastrados na plataforma e] que fazem parte da mesma rede podem ver [e seguir] o perfil uns dos outros.

Com mais segurança tem-se um maior controle do perfil dos seus utilizadores e também a possibilidade de se fazer auditorias⁴ constantes.

O Facebook soube aprimorar de forma eficaz as ferramentas de engajamento entre os seus usuários, incentivar de forma persistente o uso (abusivo ou não) de imagens e se profissionalizou com a adoção de propagandas pagas e perfis corporativos.

Com isto o (multi)letramento se faz ainda mais presente e garantiu uma audiência crescente desde o seu lançamento ao ponto de ter passado o Orkut em número de usuários cadastrados em 2011 (Kleina, 2018) e ser o pioneiro em muitos recursos digitais como o engajamento em mídias digitais, através da opção de curtir fotos (botão like), lançado em 2009 (Kleina, 2018) e a Timeline, recurso que transforma a página pessoal do usuário em um mural fotográfico com fotos de seu cotidiano e de eventos em sua vida.

3.3 A Instagram, uma rede voltada ao uso de imagens

O Instagram, cujo início das operações se deu em 2010, é uma rede essencialmente visual, quer dizer, com conteúdos que mesclam fotos e vídeos entre os seus utilizadores. Sua criação se deve ao brasileiro Mike Krieger e o americano Kevin Systrom (Aguiar, 2018).

A penúltima rede social digital a ser analisada tem como dono o próprio Facebook que a comprou em 2012 (Aguiar, 2018), assim como no Facebook fazem parte da experiência do usuário os conceitos de

⁴ O termo utilizado serve para expressar as constantes remoções de contas de usuários que o Facebook notícia realizar, seja por motivos políticos, religiosos ou mesmo políticas contra a privacidade de empresas e usuários.

“curtir”, portanto, marcar as fotos que gosta ou de outros usuários, exibir fotos e vídeos no seu perfil e também se utilizar do Instagram Stories⁵.

O Instagram se torna uma rede mais simples de ser manuseada, porque exige que as principais interações sejam feitas através de suas imagens dispostas facilitando assim o seu letramento. Santos e Santos (2014, p. 313, grifo próprio) qualifica isto em seu artigo.

Suas funções são simples e rápidas. **Basta um clique e a escolha de um filtro para que as fotos e/ou vídeos se tornem visualizadas pelos usuários do Instagram e de demais redes sociais** (Facebook, Twitter, Tumblr, Foursquare e Flickr). Assim como as outras redes sociais digitais mencionadas é “gratuito”, porém, para ser utilizado é necessário o uso de um smartphone ou tablet com o aplicativo instalado disponibilizado para sistema Android ou iOS.

3.4 O YouTube e a democratização de acesso aos vídeos

A cerca de 15 anos atrás era impensável utilizar e publicar vídeos na web sem operar ferramentas pagas ou mesmo outros tipos de comunicadores como os cada vez mais populares e-mails (Kleina, 2018).

O YouTube surgiu para mudar isso, originado em fevereiro de 2005 pelos ex-funcionários da PayPal, Chad Hurley, Jawed Karim e Steve Chen, a proposta inicial do YouTube era democratizar o acesso, a publicação (e posteriormente também edição) de vídeos pessoais e profissionais (Kleina, 2018).

Essa rede social digital ressalta um “espírito” bem empregado e consolidado especialmente pelas redes estadunidenses, Burgess e Green (2009, p. 20-21, grifo próprio, adaptado), enumeram essa parte:

Nesses primeiros momentos o site [YouTube] trazia o slogan Your Digital Video Repository (“Seu Repositório de Vídeos Digitais”), uma declaração que, de alguma maneira, vai de encontro à exortação atual, e já consagrada, Broadcast yourself (algo como “Transmitir-se”). Essa mudança de conceito do site – de um recurso de armazenagem pessoal de conteúdos em vídeo para uma plataforma destinada à expressão pessoal – coloca o YouTube no contexto das noções de uma revolução liderada por usuários que caracteriza a retórica em torno da “Web 2.0”.

5 O Instagram Stories é um recurso que permite o compartilhamento, basicamente em tempo real, de vídeos e imagens, que podem desaparecer após o período de 24 horas, com a interação de figuras (emojis) e desenhos.

Os conceitos midiáticos, multiculturais e democráticos⁶ que permeiam essa rede explicam o seu sucesso, especialmente entre a faixa etária mais jovem, uma vez que ela (a faixa etária) já se “acostumou” a conceitos intrínsecos inerentes do letramento digital e (multi) letramento desde o seu processo de alfabetização (Santos; Santos, 2014).

As principais redes sociais digitais ressaltar suas características comuns (Gnipper, 2018), advindas de um país da América do Norte (os Estados Unidos) que incentivam a produção de conteúdos digitais por ser justamente a base⁷ deles.

Com o intuito de propor uma reflexão melhor sobre seus conceitos e identidades, se aborda na parte final deste capítulo breves considerações sobre a Análise de Discurso e seus principais expoentes estudados: Michel Pêcheux; Dominique Maingueneau e Norman Fairclough.

3.5 Análise de Discurso⁸: entendimentos iniciais

Tratada como uma área da comunicação e principalmente da linguística a Análise de Discurso, ou comumente conhecida com A.D. (Silva; Silva, 2017), se tornou um instrumento muito importante para analisar às mídias atuais, em especial suas vertentes e construções relacionadas às ideologias (construções ideológicas).

A Análise de Discurso pode ser entendida e dividida em duas partes principais, o texto em si e o discurso (Gregolin, 2007), o texto em si pode ser considerado o resultado do discurso, ou melhor, o seu produto, ele pode ter múltiplas vertentes porém o que se interessa mais nesta breve exposição é o discurso atrelado às mídias sociais digitais.

Gregolin (2007, p. 11, grifo próprio) ressalta essa importância em seu artigo, quando enumera:

6 No sentido do acesso livre a todos, sempre mediante regras simples, como um cadastro prévio, escolha de gostos, desejos e qualificações do usuário que pretende ingressar na rede social;

7 Neste quesito enumeramos o país como celeiro inato da origem e popularização da web, além da nação das principais empresas de tecnologia do mundo.

8 O subtópico desenvolvido compõe o capítulo do livro: “Sociolinguística e ensino: diversos olhares, diálogos e análise” organizado pela Profa. Denise Rocha em 2021 e publicado pela Editora Bagai, o mesmo se encontra disponível para visualização pelo link: <https://doi.org/10.37008/978-65-81368-57-9.25.09.21>

A análise do discurso é um campo de pesquisa cujo objetivo é compreender a produção social de sentidos, realizada por sujeitos históricos, por meio da materialidade das linguagens. **Cada vez mais, a mídia tem-se tornado objeto privilegiado das investigações** dos analistas de discurso.

Na prática entende-se que toda construção textual, por mais variada que seja, é uma prática de análise de discurso e possui uma visão própria do mundo, do ponto de vista do narrador, sendo muitas vezes observada em seu contexto social e histórico.

Além da parte do discurso e do texto enumera-se os desdobramentos (Filho; Barba, 2014), em síntese os conceitos que a A.D. pode trazer à linguagem como:

- A parte do **Assujeitamento Ideológico**: onde cada indivíduo de maneira inconsciente busca um lugar no seu meio, na sociedade, se identificando em grupos sociais e classes;
- As **Condições de Produção**: focada principalmente nas instâncias verbais em meio a contextos sociais e ideológicos (Filho; Barba, 2014);
- O **Diálogo**⁹, **Enunciação** e **Enunciador**: três pontos essenciais para a comunicação verbal entre indivíduos organizados dentro de um meio social;
- **Formações Discursivas e Sociais**: estabelecendo relações sociais entre classes definidas (Filho; Barba, 2014), onde se pode variar de sentido conforme o seu histórico;
- A relação de discursos com outros discursos traduzida pela **Interdiscursividade**;
- Formatos relacionados à **Interlocução** e ao **Intertexto**: envolvendo linguagens verbais (Filho; Barba, 2014) ou não verbais;
- O recurso da **Polifonia**¹⁰ e do **Pré-construído**: onde basicamente um discurso é relacionado a(s) outro(s);
- O **Sentido** e o **Sujeito**: elementos ligados intrinsecamente aos discursos que participam e a ideologia que os cercam, ambos inclusive atrelados aos estudos de Michel Pêcheux (Filho; Barba, 2014);

9 Diálogo, Enunciação e Enunciador são pontos comuns na retórica proposta por Mikhail Bakhtin (1895 – 1975) em seus estudos;

10 Novamente temos a clara influência de Mikhail Bakhtin e seus estudos no início do século XX.

- **O Texto em si:** funcionando como uma complexa unidade, regular ou irregular, que pode ser dividida em três partes: começo, meio e fim;
- **Esquecimentos:** conceitos intitulados pelo filósofo francês Michel Pêcheux (1938-1983), focados essencialmente na ideologia atrelada aos sujeitos e objetos da Análise do Discurso.

O próximo e último subtópico visa esmiuçar as vertentes da Análise de Discurso com base em abordagens francesas e anglo-saxônicas e as contribuições dos principais teóricos que as envolvem.

3.6 Michel Pêcheux e Análise de Discurso Francesa

Michel Pêcheux foi um linguista e filósofo de origem francesa, nasceu em 1938 e veio a falecer tragicamente por conta do seu suicídio em 1983 (Brasil, 2011).

Pêcheux é o responsável pela escola da Análise de Discurso Francesa, no que se refere a sua origem e popularização, onde foca e materializa a linguagem com base essencialmente na ideologia (Brasil, 2011).

No entanto os seus estudos se iniciaram na Escola Normal Superior de Paris¹¹.

Com influências de Canguilhem¹², no campo das ciências e epistemologia e Althusser¹³, de quem foi aluno quando ingressou na escola em 1959, Pêcheux concluiu os seus estudos em 1963 com o intuito de ensinar Filosofia, porém suas teorias só se firmaram após ser empregado no Laboratoire de la Psychologie Sociale, em 1966, quando iniciou suas pesquisas através do envolvimento da revista Cahiers pour l'Analyse (Labeurb, 2020).

Os grandes méritos de Michel Pêcheux como bem indica Brasil (2011, p. 172, grifo próprio) foi:

Os estudos pêcheuxtianos trouxeram uma abordagem distinta ao pensar a Ciência da Linguagem. As discussões sobre língua e linguagem divergiam de seu pensar. Até então o estruturalismo (com a

11 O nome original em francês é: École Normale Supérieure;

12 George Canguilhem foi médico e filósofo francês, frequentou junto com Pêcheux a Escola Normal Superior de Paris;

13 Louis Althusser foi filósofo e teve suas ideias centradas em cima principalmente do Marxismo Estrutural.

negação do sujeito e da situação) e a gramática gerativa transformacional (GGT), proposta por Noam Chomsky (valor biológico à linguagem) ocupavam um espaço significativo de discussão em relação aos estudos da linguagem.

Em suma, Michel Pêcheux consegue se “apropriar” de ideias de formações discursivas, já pré-existentes, com base nas influências de sua formação e através dos seus estudos traduz as mesmas em torno de um ressignificado assegurando uma presença marcante na área de Análise de Discurso (Brasil, 2011).

Um fato notável nos seus estudos é entender que o sujeito na realidade no que se refere ao discurso é um produto da história e principalmente da ideologia.

Esses conceitos e concepções são e serão sempre atuais especialmente quando se estuda o âmbito das redes sociais digitais onde a ideologia se faz cada vez mais presente através dos seus discursos, midiáticos, no próximo tópico se expõe mais um teórico da área que complementa os estudos de Pêcheux.

3.7 Maingueneau e os Princípios e Leis do Discurso

Pode-se dizer que Dominique Maingueneau é contemporâneo a Michel Pêcheux (Melo, 2006) nascido em 1950 na cidade de Paris, França, Maingueneau além de linguista também é professor, lecionando na Universidade de Paris IV Paris-Sorbonne e pesquisador no CÉDITÉC¹⁴.

Se Pêcheux tinha estudos voltados principalmente à ideologia na Análise do Discurso, Maingueneau também aborda a questão social porém focada nitidamente no fato que texto e discurso não se separaram do contexto social que estão inseridos.

Suas obras literárias primam pelo pragmatismo¹⁵, em especial, e tratam do retorno aos elementos da linguística (ressalta-se a obra Pragmatica para o Discurso Literario¹⁶ com este fim) para exemplificar suas teorias.

Melo (2006, p. 1697) dedicou um artigo a ela e ressalta:

14 Sigla de: Centre d'étude des discours, images, textes, écrits;

15 O pragmatismo alocado é no sentido de ter um bom êxito prático, isto é, ter funções bem delimitadas;

16 Obra originalmente publicada em 1996 pela editora Martins Fontes.

Maingueneau [...], faz uma pequena modificação na classificação proposta por Kerbrat-Orecchioni, passando a nomear princípios e leis da seguinte forma: princípio de cooperação, de pertinência e de sinceridade; leis da informatividade, da exaustividade, da modalidade e do comportamento social. Além de enumerar e tratar dos princípios e das leis do discurso, Maingueneau [...] discorre, ainda, sobre as transgressões dos princípios e das leis do discurso recorrentes no discurso literário.

Assim sendo Maingueneau enumera três princípios seguidos de três leis relacionadas à Análise do Discurso indicadas respectivamente abaixo:

- **Princípio de Cooperação:** onde existe o reconhecimento de todos os interlocutores através do intercâmbio das informações (Melo, 2006) estabelecendo segundo a próprio Melo (2006, p. 1698) um “contrato tácito”;
- **Princípio de Pertinência:** onde é avaliado se o enunciado em si é apropriado, ou seja, se condiz com o contexto, com a situação, estabelecendo desta forma um “reconhecimento recíproco” (Melo, 2006, p. 1698).
- **Princípio de Sinceridade:** na qual fica estabelecida as sinceridades dos enunciados, em suma, os pares acreditam em suas afirmações, Melo (2006, p. 1698) exemplifica ele como: “Trata-se de uma sinceridade para com o enunciado e não uma sinceridade efetiva dos sujeitos.”

Tem-se por fim as leis, a primeira se refere a **Lei da Informatividade**, essa lei (Melo, 2006) destaca que todo enunciado na Análise de Discurso de Maingueneau precisa ter qualidade no sentido de relatar uma informação útil e preferencialmente nova.

A segunda **Lei é da Exaustividade** (Melo, 2006), essa lei em especial trata do foco, a informação precisa ser pertinente¹⁷ e suscetível, não pode haver excessos nem limitações a fim de não comprometer toda a pertinência que envolve o(s) enunciado(s).

A terceira e última **Lei se refere à Modalidade**, aonde é denotada a clareza ou como Melo (2006, p. 1698) comenta: “A expectativa é de que sua linguagem seja bastante clara, facilitando a transmissão da mensagem. Obscuridade e ambiguidade devem ser evitadas.”

¹⁷ No sentido de estar afinada e ter o mesmo propósito;

Chega-se à conclusão de que tanto os princípios como as leis são essenciais para produção de um bom discurso e principalmente são atos e marcações relevantes que ampliam a visão de Pêcheux, focada principalmente na ideologia da Análise do Discurso, como já comentado.

3.8 Norman Fairclough e a Análise Crítica do Discurso

O inglês Norman Fairclough, nascido em Alencastro no Reino Unido (Silva; Silva, 2017) é um dos responsáveis pela corrente anglo-saxônica da Análise do Discurso ou como é estudada, a Análise Crítica do Discurso (ACD¹⁸).

Onuma (2019, grifo próprio), exemplifica de maneira clara em seu artigo voltado às contribuições de Fairclough sobre a Análise Crítica:

De acordo com Fairclough (2011), toda prática social é composta por elementos como os sujeitos e suas relações sociais, as atividades, os objetos, instrumentos, tempo e lugar, valores, formas de consciência e discurso. Tais elementos, embora distintos entre si, são indissociáveis dentro da vida social. [...] **Portanto, o discurso se coloca, nessa abordagem, como o uso da linguagem (falada, escrita e comunicação não verbal), um modo de prática social**, ou modo de ação sobre a sociedade e sobre o mundo, bem como um componente das práticas sociais interconectado aos demais elementos que também as compõem.

Essa abordagem um tanto quanto “contemporânea” é propo-sital a esse estudo, uma vez que deve-se levar em consideração que a ACD é voltada às mídias sociais digitais e suas práticas constantes de linguagens.

O trabalho de Norman Fairclough é retratado na ACD como uma linguagem envolta em relações sociais (Filho, 2014) portanto ela é integrante do meio social e também se torna um agente societário transformador.

Compreende-se com isso que a ACD pode ser caracterizada como:

- Um elemento de **Prática Social**, como já comentado (Onuma, 2019);

¹⁸W Em inglês Critical Discourse Analysis (CDA).

- Possui características de **transformação, criação e manutenção** (Onuma, 2019) no que pode-se denominar significações (entendimentos) em torno do meio social que se conhece.

A ACD de Fairclough acertadamente é tratada como um meio, uma análise em caráter transdisciplinar e independente da linguística, porém tendo como base principal os estudos das linguagens em nossa sociedade.

Em parte, a estes fatos (Onuma, 2019) salienta-se novamente suas características contemporâneas e conseqüentemente afinadas aos meios sociais, leia-se as redes sociais digitais (Costa, 2015).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vivencia-se temas, autores e abordagens neste trabalho de uma maneira que permitiu se aprofundar em muitos contextos.

O principal objetivo foi conectar e tornar partes diferentes em partes de um “todo”, entrelaçar teorias de autores e estabelecer uma cronologia de abordagens de forma sequencial, seguindo sempre o ritmo dos postulados principais de cada autor.

Mais ainda, no capítulo final do desenvolvimento procurou-se justificar e motivar a discussão que envolve à Análise de Discurso, tanto da linha francesa como também da linha anglo-saxônica.

Dessarte, se destaca reflexões de acordo com cada capítulo.

No primeiro capítulo tem-se as abordagens de Ferdinand de Saussure e Mikhail Bakhtin entrelaçadas, uma contemporânea a outra, sendo que Bakhtin complementa e aprofunda muitas questões já levantadas por Saussure. O capítulo se encerra evocando o Distribucionalismo e as concepções sobre os Gêneros Textuais, em especial as abordagens digitais (Marcuschi, 2020) atreladas às mídias atuais presentes em nosso meio.

O segundo capítulo traz à tona as consequências de todas essas efervescentes abordagens, parametrizando conceitos como a alfabetização, o letramento e seus desdobramentos atuais, dentre eles o multiletramento.

Conclui-se em especial que o analfabetismo funcional se tornou um conceito cada vez mais presente, tanto no passado e muito mais na atualidade e que as consequências atuais é uma sociedade carente em seu letramento digital (Souza; Cardoso, 2020), tanto academicamente como profissionalmente.

No terceiro e último capítulo apresenta-se as principais redes sociais, vinculadas aos objetos de estudos deste trabalho (Orkut, Facebook, Instagram e YouTube), sua resumida história e aplicações servem para elucidar o papel cada vez maior deste meio digital social e suas consequências na maneira com que se comunicam, moldando

inclusive nossa sociedade (Lévy, 2009).

Por fim apresenta-se as análises de discurso e com elas consuma-se a importância de se atrelar os contextos sociais aos contextos linguísticos, sempre embasando e justificando uns aos outros.

Autores como Pêcheux, Maingueneau e Fairclough teorizam ideias do aproveitamento do discurso e evocam a necessidade inerente do ser humano não somente se comunicar, mas principalmente utilizar de práticas sociais (Onuma, 2019) como forma de expressar as suas ideologias,

Se pressupõe que as redes sociais digitais são um campo fértil para esta movimentação e aplicação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Adriana. Instagram: saiba tudo sobre esta rede social! Blog. **Rockcontent**. Disponível em: <https://rockcontent.com/br/blog/instagram/>. Acesso em: 14 set. 2020.

ARNEMANN, Aline Rubiane; SANTOS, Patrícia dos. Ferdinand de Saussure e o Curso de Linguística Geral: questão de pontos de vista. **Domínios de Lingu@gem** | Uberlândia | vol. 10, n. 1 | jan./mar. 2016. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/31712>. Acesso em: 20 ago. 2020.

BAKHTIN, M. M. **Os gêneros do discurso**. Trad.; P. Bezerra, 1º ed. São Paulo: Editora 34, 2016.

BARBOSA, Jacqueline P. Sobre novos e multiletramentos, culturas digitais e tecnologias na escola. **Plataforma do LETRAMENTO**. Disponível em: <http://www.plataformadoletramento.org.br/em-revista-coluna-detalhe/1044/sobre-novos-e-multiletramentos-culturas-digitais-e-tecnologias-na-escola.html>. Acesso em: 12 set. 2020.

BRASIL, Luciana Leão. Michel Pêcheux e a teoria da análise de discurso: Desdobramentos importantes para a compreensão de uma tipologia discursiva. **Linguagem – Estudos e Pesquisas** Vol. 15, n. 01, p. 171-182, jan/jun 2011. UFG/Campus Catalão. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/lep/article/view/32465/17293>. Acesso em: 25 out. 2020.

BURGESS, Jean; GREEN, Joshua. **YouTube e a Revolução Digital : como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade**; tradução Ricardo Giasseti. – São Paulo: Aleph, 2009. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2205278/mod_resource/content/1/Burgess%20et%20al.%20-%202009%20-%20YouTube%20e%20a%20Revolu%C3%A7%C3%A3o%20Digital%20Como%20o%20maior%20fen%C3%B4meno%20da%20cultura%20participativa%20transformou%20a%20m%C3%ADdia%20e%20a%20socieda.pdf. Acesso em: 20 out. 2020.

CAVALCANTI, Jauranice Rodrigues. A Presença do Conceito Gêneros de Discurso nas Reflexões de D. Maingueneau. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, SC, v. 13, n. 2, p. 429-448, maio/ago 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ld/v13n2/a11v13n2.pdf>. Acesso em: 27 out. 2020.

CIELO, Griselda Festino. **Prática de Ensino de Literaturas em Língua Inglesa**. São Paulo: Editora Sol, 2016.

COSTA, Klébia Ribeiro da; PAZ, Ana Maria de Oliveira. Letramento profissional: estudos em perspectivas. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. **Revista do GELNE**, v.19, n. Especial, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/12592>. Acesso em: 05 set. 2020.

COSTA, Sandra Regina Santana; DUQUEVIZ, Barbara Cristina; PEDROZA, Regina Lúcia Sucupira. Tecnologias Digitais como instrumentos mediadores da aprendizagem dos nativos digitais. **Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional, SP**. Volume 19, Número 3, Setembro/Dezembro de 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pee/v19n3/2175-3539-pee-19-03-00603.pdf>. Acesso em: 13 set. 2020.

COLUNAS TORTAS. Categoria: **Michel Pêcheux**. Disponível em: <https://colunastortas.com.br/autor/michel-pecheux/>. Acesso em: 25 out. 2020.

FERDINAND-de_Saussure-min.jpg. Ferdinand de Saussure: biografia, teorias e obras publicadas. **Maestrovirtuale.com**. Disponível em: <https://maestrovirtuale.com/ferdinand-de-saussure-biografia-teorias-e-obras-publicadas/>. Acesso em: 30 ago. 2020.

FILHO, Marinho Celestino de Souza; BARBA, Clarides Henrich de. Análise do Discurso: O que é? Como se faz? E para que serve? **Revista Gestão Universitária**. 06/03/2014. Disponível em: <http://www.gestauniversitaria.com.br/artigos/analise-do-discurso-o-que-e-como-se-faz-e-para-que-serve>. Acesso em: 24 out. 2020.

GNIPPER, Patrícia. Ranking das redes sociais: as mais usadas no Brasil e no mundo, insights e materiais gratuitos. **Resultados Digitais**. 21 de janeiro de 2020. Disponível em: <https://resultadosdigitais.com.br/blog/redes-sociais-mais-usadas-no-brasil/>. Acesso em: 08 set. 2020.

GRANDO, Katlen Böhm. O letramento a partir de uma perspectiva teórica: origem do termo, conceituação e relações com a escolarização. PUCRS – Projeto Observatório da Educação/CAPES. **IX ANPED SUL. Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul. 2012**. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anped-sul/ganpedsul/paper/viewFile/3275/235>. Acesso em: 11 set. 2020.

KLEINA, Nilton. A história do YouTube, a maior plataforma de vídeos do mundo [vídeo]. **Tecmundo**. 11/07/2017 às 11:25. Disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/youtube/118500-historia-youtube-maior-plataforma-videos-do-mundo-video.htm>. Acesso em: 15 set. 2020.

GREGOLIN, Maria do Rosario. Análise do discurso e mídia: a (re)produção de identidades. **comunicação, mídia e consumo são paulo**. vol. 4n. 11 p. 11 - 25 nov. 2007. Disponível em: <http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/105/106>. Acesso em: 24 out. 2020.

GUIMARÃES, Nilma. Português – Afinal, o que é letramento? Planos de Aula. Ensino Médio. **UOL**. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/planos-de-aula/fundamental/portugues-afinal-o-que-e-letramento.htm>. Acesso em: 17 out. 2020.

KLEINA, Nilton. A história do Orkut, a rede social favorita do Brasil [vídeo]. **Tecmundo**. 31/07/2018 às 11:00. Disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/mercado/132464-historia-orkut-rede-social-favorita-do-brasil-video.htm>. Acesso em: 15 set. 2020.

KLEINA, Nilton. A história do Facebook, a maior rede social do mundo [vídeo]. **Tecmundo**. 07/08/2018 às 12:03. Disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/mercado/132485-historia-facebook-maior-rede-social-do-mundo-video.htm>. Acesso em: 15 set. 2020.

LEONARD-Bloomfield-1.jpg. Leonard Bloomfield. **Yale University Linguistics**. Disponível em: <https://ling.yale.edu/about/history/people/leonard-bloomfield>. Acesso em: 09 set. 2020.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. (Trad. Carlos Irineu da Costa). São Paulo: Editora 34, 2009.

MACEDO, Wilza Karla Leão de Macedo. Por Saussure e Bakhtin: Concepções sobre Língua/Linguagem. I Congresso Nacional de Linguagens e Representações: Linguagens e Leituras III Encontro Nacional da Cátedra UNESCO de Leitura VII. **PROLER UESC - ILHÉUS – BA**. Outubro 2009. Disponível em: http://www.uesc.br/eventos/iconli-reanais/iconlire_anais/anais-53.pdf. Acesso em: 29 set. 2020.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros Textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (orgs.). **Gêneros textuais & ensino**, São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

MARCHESONI, Lais Bastos; SHIMAZAKI, Elsa Midori. Alfabetização e Letramento: explorando conceitos. **Educação: Teoria e Prática/Rio Claro, SP / v.31, n.64 / 2021**. eISSN1981-8106e07, 2021. <http://dx.doi.org/10.18675/1981-8106.v31.n.64.s14368>.

MELO, Teresa Cristina Alves. Leis do discurso e suas transgressões no texto literário. Leis do discurso e suas transgressões no texto literário, p. 1697-1704 1699. **Portal de Anais da Faculdade de Letras da UFMG**. Disponível em: <http://anais.letras.ufmg.br/index.php/SEVFALE/VISEVFALE/paper/download/236/241>. Acesso em: 24 out. 2020.

MICHAELIS. Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa. **UOL**. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/aprender/>. Acesso em: 01 ago. 2020.

MOLON, Newton Duarte; VIANNA, Rodolfo. O Círculo de Bakhtin e a Linguística Aplicada. **Bakhtiniana: Rev. Estud. Discurso**, vol.7, no.2, São Paulo jul./dez. 2012. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-45732012000200010&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 26 set. 2020.

NASCIMENTO, Elvira Lopes. **Concordância e regência**. Curitiba, PR: IESDE Brasil, 2012.

NEW-LONDON-GROUP.jpg. The New London Group. **WORKS & DAYS**. Disponível em: <https://newlearningonline.com/transpositional-grammar/meaning/meaning-overview/new-london-group>. Acesso em: 02 set. 2020.

ONUMA, Fernanda Mitsue Soares. Contribuição da análise crítica do discurso em Norman Fairclough para além de seu uso como método: novo olhar sobre as organizações. **Organizações & Sociedade**. vol.27 no.94 Salvador Aug./Sept. 2020. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-92302020000300585&tlng=pt. Acesso em: 26 out. 2020.

QUEM foi Michel Pêcheux. **Laboratório de Estudos Urbanos**. Disponível em: <https://www.labeurb.unicamp.br/portal/pages/home/lerArtigo.lab?id=48&cedu=1>. Acesso em: 25 out. 2020.

PINHEIRO, Tatiana. Mikhail Bakhtin, o filósofo do diálogo. 01 de Agosto 2009. **Nova Escola**. Disponível: <https://novaescola.org.br/conteudo/1621/mikhail-bakhtin-o-filosofo-do-dialogo>. Acesso em: 30 set. 2020.

SANTOS V. L. C; SANTOS J. E. **As Redes Sociais Digitais e sua Influência na Sociedade e Educação Contemporâneas**. HOLOS. 2014. IFRN Rio Grande do Norte. Disponível em: http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/1936/pdf_144. Acesso em: 20 ago. 2020.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Linguística Geral**. 28 Ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

SILVA, Ana Lúcia Machado da. **Morfossintaxe aplicada da língua portuguesa**. São Paulo: Editora Sol, 2013.

SILVA, Isabela Lapa; SILVA, Viviane Rufino da. Breve Panorama Histórico e Introdutório da Análise Crítica do Discurso. **Revista ao Pé da Letra**. volume 19.1, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/pedalettra/article/download/234510/27719>. Acesso em: 27 out. 2020.

SILVA, Luciana Pereira da. **Prática textual em língua portuguesa**. 2º ed. Curitiba. PR: IESDE Brasil, 2017.

SOARES, Magda. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. Revista Brasileira de Educação. **SCIELO**. Rev. Bras. Educ. no.25 Rio de Janeiro Jan./Apr. 2004. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-24782004000100002&script=sci_arttext&tlng=pt. Acesso em: 02 set. 2020.

SOUZA, Carlos Henrique Medeiros de; CARDOSO, Carlos. As Redes Sociais Digitais: Um mundo em transformação. **UENF**. Disponível em: http://www.uenf.br/Uenf/Downloads/Agenda_Social_8427_1312371250.pdf. Acesso em: 31 ago. 2020.

RODRIGUES, Rômulo da Silva Vargas. Saussure e a Definição da Língua como objeto de estudos. **ReVEL**. edição especial n. 2, 2008. Disponível em: http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_esp_2_saussure_e_a_definicao_de_lingua.pdf. Acesso em: 25 ago. 2020.

ROJO, Roxane. Gêneros e tipos textuais. **Glossário CEALE (Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita). Faculdade de Educação da UFMG**. Disponível em: <http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/generos-e-tipos-textuais>. Acesso em: 01 set. 2020.

ROJO, Roxane; BARBOSA, Jacqueline. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos**. 1º ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

WIELEWICKI, V. **Narrativas multimodais e possibilidades para uma educação pluralista**. In: TAKAKI, N. H.; MACIEL, R. F. Letramentos em terra de Paulo Freire. Campinas: Pontes, 2014.

ZBAKHTINCIRCLE2.jpg. **Philweb Bibliographical Archive**. Disponível em: [http://www.phillwebb.net/History/Twentieth/Continental/\(Post\)Structuralisms/Dialogism/Dialogism.htm](http://www.phillwebb.net/History/Twentieth/Continental/(Post)Structuralisms/Dialogism/Dialogism.htm). Acesso em: 01 set. 2020.

POSFÁCIO

A principal adversidade quando se trata da compreensão e da identidade de produções midiáticas, especialmente as digitais e nesse recorte específico as de origem norte-americanas, é assimilar que a pesquisa acadêmica pode se tornar ultrapassada a partir do exato momento que se inicia a investigação.

Em termos práticos, o dinamismo da cultura digital permite observar o início, em parte o meio mas jamais o fim.

A impressão que obtive desenvolvendo esse trabalho foi exatamente essa na medida que me aprofundava nas temáticas, o que considero positivo pois me incitou (e me incita constantemente) a desenvolver cada vez mais esses conteúdos mesmo que sejam por outros prismas.

A minha aspiração com isso é que esse “despertar” seja igualmente um convite para o leitor interessado amplificar e incrementar suas investigações trazendo novas mídias, com novos recortes socio-demográficos e temporais sem temer o risco de perder a essência do movimento digital.

Espero sinceramente poder inspirá-los.

Carlos Batista

